



## Rodrigo Leão

O músico que esta semana tocou no Porto e em Lisboa criou um tema inédito para a próxima exposição do Oceanário de Lisboa, *Florestas Submersas*, do japonês Takashi Amano, sobre paisagens aquáticas de habitats tropicais. É inaugurada a 22 de Abril

### Onde foi buscar inspiração?

Compus em minha casa, num sítio privilegiado com vista para o Tejo. O elemento água esteve, portanto, sempre presente. Trabalhei em estúdio com a minha equipa habitual e gravámos no fim de Fevereiro. Estou a pensar incluir esta composição nos próximos concertos.

### Como surgiu a oportunidade de compor para a exposição *Florestas Submersas*?

Recebi um convite do Oceanário em Dezembro. No primeiro encontro, fiquei logo entusiasmado com o projecto, com as fotografias do trabalho de Amano e com a ideia de criar um aquário gigante com plantas.

### Quanto tempo demorou a criar a primeira versão do tema?

Fiquei tão entusiasmado com o projecto que, uma semana depois da primeira reunião, tinha uma música que achava que tinha a ver com o conceito da exposição. Normalmente, apresento três ou quatro ideias. Aqui foi mais simples.

### Já conhecia o trabalho do aquascaper japonês Takashi Amano?

Não. Só agora tive contacto com o que ele faz. Ainda assim, vi logo com alguma facilidade que a minha música podia ter a ver com a exposição.

### Fez muitas alterações até chegar ao resultado final?

Essencialmente fomos fazendo arranjos. Fui desenvolvendo aquele tema inicial.

### Vê no seu último álbum, *A Vida Secreta das Máquinas*, algumas semelhanças com este trabalho?

Apesar de ser uma aproximação à música electrónica, penso que os elementos humanos e da natureza continuam a estar muito presentes nos meus temas. Nos concertos, os acústicos estão fundidos com a música electrónica que sai do computador e dos sintetizadores.

### Esta composição acaba por chamar a atenção para a ligação entre natureza e música. É uma relação presente no seu trabalho?

Sim. Grande parte das minhas composições mais antigas foram feitas na Ericeira, numa casa que o meu avô tinha em cima do mar. Outra parte (as dos últimos 10/15 anos), foram criadas entre oliveiras, perto de Avis, no Alentejo.